

O IDEÁRIO POSITIVISTA PRESENTE NO PENSAMENTO EDUCACIONAL DE JOAQUIM RIOS (UBERLÂNDIA-MG, 1940-1946)

MÁRCIA FERREIRA COSTA*
CÍRIAN GOUVEIA MÁXIMO**
CARLOS HENRIQUE DE CARVALHO**

As experiências no campo da pesquisa em História da Educação possibilitam descortinar um novo mundo, mais rico em detalhes e mais dinâmico nas relações existentes. Principalmente, se seguirem a trajetória educacional brasileira, em suas especificidades regionais e locais, através das informações veiculadas pela imprensa periódica. Passamos, então, a acompanhar o mais próximo possível a construção do sistema educacional brasileiro, em seus âmbitos nacional, estadual e municipal, a partir da ótica das pessoas realmente envolvidas nas relações construídas em um determinado momento histórico. Começamos, assim, a enxergar a importância da imprensa periódica para a reconstrução da trajetória do processo de organização do sistema educacional, bem como do pensamento que norteou o mesmo.

A renovação na pesquisa histórica, especificamente no campo da História da Educação, possibilitou a análise das experiências da atividade humana, não só em seus aspectos gerais, mas também dentro das suas particularidades e singularidades sociais. Deste modo, as várias manifestações (valores, imagens, sentimentos, arte, crença e tradição) e as várias atividades humanas (política, literária, social, cultural, econômica, religiosa) possibilitam compreender o espaço social, historicamente organizado, a partir de homens e mulheres reais, que vivem situações sociais reais, com necessidades e interesses. Outras linguagens, então, passam a ser consideradas, como o discurso literário, as imagens, os sons, os jornais, as revistas.

A imprensa periódica passou a ter um papel importante no espaço social com a complexidade adquirida com o desenvolvimento das relações capitalistas. A informação se tornou um instrumento veiculador e manipulador de interesses. A imprensa periódica difunde idéias, combate princípios, defende pontos de vista, possibilitando compreender, de forma mais autêntica, a trajetória das atividades humanas em todas as suas relações sociais. Pode-se, pois, caracterizar, em parte, o caminho da organização educacional no Brasil.

É partindo desses pressupostos que pensamos este trabalho de investigação, cujo intuito é analisar como o tema “educação” foi tratado na imprensa de Uberlândia-MG, mais especificamente nos jornais locais. Em um primeiro momento, a investigação se limitou à coleta de dados disponíveis no Arquivo Público Municipal de Uberlândia-MG. Estes dados foram caracterizados quanto ao gênero jornalístico, como são encontrados (artigo, editorial, notícia), o tamanho em que se apresentam, a frequência com que aparecem nas edições, entre outros. Em meio à diversidade de informações encontradas, tais como reportagens sobre instituições escolares, notas sobre aniversários de professores e de alunos, campanha para a criação de uma escola profissional na cidade, etc, despertou o interesse para analisar um conjunto de artigos intitulados

* Graduada em Pedagogia pela UFU. Professora do Ensino Fundamental da Rede Municipal de São José do Rio Preto.

** Graduada em Pedagogia pela UFU.

*** Mestre em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia. Doutorando em História na Universidade de São Paulo. Professor do Centro Universitário de Patos de Minas e das Faculdades Integradas de Patrocínio. Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas em História e Historiografia da Educação da Universidade Federal de Uberlândia. (chc@ufu.br)

Pedagogia¹ que tratava, especificamente, sobre a definição, o objetivo e o objeto da educação. O interesse por uma investigação dessa natureza é o de apreender o significado dessas idéias sobre educação, sistematicamente elaborados em um momento histórico.

Assim, os fundamentos pedagógicos, divulgados por Joaquim Rios, vão enfatizar a necessidade de orientar a ação educativa para inserir o indivíduo no meio social. Rios vai utilizar a palavra adaptação para desenvolver o processo da ação educativa, considerando que:

Entre as leis biológicas, a necessidade da adaptação é a que, mais importante, se impõe aos seres humanos, como aos mais abjetos ou insignificantes dos que se encontram sob a condição de vida (...) O homem dispõe de processos de adaptação que não são comuns aos irracionais. De tais processos, que marcam a superioridade humana, aparece a adaptação psíquica ou conciente (...) A superioridade do indivíduo humano está no seu psiquismo trabalhado que concede resumir em cada um o ensaio ou mesmo experiências de todos os outros².

O ser humano reúne em si um conjunto de tendências ou inclinações que irão sendo adaptados através de recursos, meios e processos transmitidos pela consciência. Educar significa aprimorar as tendências naturais do indivíduo, através da sugestão, para que ele se torne um membro útil ao meio social em que está inserido. Para Rios, o indivíduo só se desenvolve e se educa se estiver em contato permanente com o meio social, numa clara postura de defesa da idéia de organicidade social, onde a coletividade tem predominância sobre a individualidade.

Educar é respeitar o desenvolvimento dessas disposições, ensinando qual o melhor uso desse desenvolvimento, ou seja, deveria se considerar as diferenças individuais, observando preferências e interesses para orientar o seu ajustamento ao meio social.

O educador terá sucesso em sua ação educativa, se respeitar a natureza do educando, aproveitando suas aptidões para adaptá-lo ao meio social. As qualidades, a vocação, os dons e as energias devem ser considerados para estimular a criança nos seus esforços, não contrariando as tendências e as afirmações individuais.

Podemos observar, porém, que nos anos 30 e 40, com a intensificação do processo de urbanização e industrialização, o Estado assume a responsabilidade de organizar o sistema educacional com a finalidade de moldar, através da instrução pública, a população às novas condições sociais. A educação se torna disciplinarizadora.

A escola é lugar de preparação para o convívio social capitalista. E o preparar tem o significado de adaptar. No nosso objeto de análise, os artigos de Joaquim Rios, está expressa a idéia de modelar o indivíduo para se tornar um membro útil (entenda-se produtivo) na sociedade: *"a adaptação é a educação, por isso é conformação, ajustamento, modificação"*³, para que se possa *"fazer da criatura normal uma pessoa proveitosa, uma individualidade útil"*⁴, e ainda, *"fazer do paciente uma entidade bôa, sadia, moralizada ou útil, sob todos os aspectos do bem"*⁵.

Ou seja, a educação no espaço escolar deveria proporcionar o ajustamento do indivíduo às regras do mundo produtivo. E esse ajustamento é realizado pela disciplina e pelo controle dentro do espaço escolar (filas de alunos, hierarquização do saber, distribuição de valores ou méritos), centralizando a atenção da capacidade de cada indivíduo se ajustar às regras estabelecidas.

¹ Esses artigos foram publicados pelo jornal "O Estado de Goiaz".

² O Estado de Goyaz - 20 de novembro de 1941 - nº 708 p. 02.

³ Joaquim RIOS. Pedagogia VII. O Estado de Goiaz, ano 9, nº 718, 28 de dezembro de 1941, p. 02.

⁴ Joaquim RIOS. Pedagogia IX. O Estado de Goiaz, ano 10, nº 721, 08 de janeiro de 1942, p. 02.

⁵ Joaquim RIOS. Pedagogia X. O Estado de Goiaz, ano 10, nº 735, 26 de fevereiro de 1942, p. 02.

Ao analisarmos os artigos de Joaquim Rios tivemos a oportunidade de conhecer melhor a sua proposta pedagógica, a qual se consubstanciava na hierarquização, na vigilância e na disciplinarização do processo de escolarização, através de discursos fundamentados na ciência, como a da Biologia e da Psicologia. O discurso de Rios torna-se um sutil instrumento político-ideológico, ao apresentar uma concepção de educação (adaptação) que vai de encontro a duas necessidades: preparar o indivíduo para o espaço produtivo e manter o controle político-econômico dos grupos dominantes.

A primeira necessidade já é atendida no espaço escolar, diante de sua própria organização e racionalização. A segunda necessidade é atendida de uma maneira mais sutil: ao reduzir a educação em adaptação, Rios retira da discussão que desenvolve qualquer possibilidade de questionar a realidade do momento. Adaptar-se ao meio significa que o indivíduo não exerce nenhuma ação sobre o meio em que se encontra, mas sim o contrário. A sociedade, com seus discursos, gestos, tradições e costumes, já está organizada muito antes do indivíduo; ela é uma estrutura pronta que evolui naturalmente; ao indivíduo cabe acompanhar essa evolução ajustando-se. Retira-se a historicidade da própria sociedade e do indivíduo enquanto ser ativo e participativo na construção dessa mesma sociedade. No discurso de Rios, ao tratar educação como conformação, omitem-se as desigualdades e conflitos próprios de uma sociedade organizada em grupos sociais contraditórios, contribuindo para formar indivíduos *“invalidados como seres sociais e políticos, (...) revalidados por intermédio de uma competência que lhes diz respeito enquanto sujeitos individuais ou pessoas privadas”*⁶.

Em nenhum momento, Rios aborda, em seus artigos, as contradições próprias do sistema capitalista presentes no interior das relações sociais, influenciando a forma de se organizar e de se pensar educação. Para omitir os interesses conflitantes, Rios restringe a educação a um ato individual, particular, desconsiderando as relações culturais, sociais, políticas que permeiam o ato de educar.

O discurso educacional de Joaquim Rios demonstrou que o seu pensamento se fundamentava na idéia da imutabilidade das leis sociais. Portanto, a realidade social não sofreria mudanças, apenas evoluiria naturalmente. Se tudo estivesse harmoniosamente organizado, caberia ao indivíduo, tão somente, adequar-se ao meio social. Essa concepção de sociedade, permite excluir da discussão desenvolvida por Rios, qualquer aspecto social conflitante. A educação é considerada um fato em si, desvinculada de qualquer outro setor social. Sua única função seria enquadrar os alunos à vida social, considerando-os como seres individualizados, desvinculados dos grupos sociais a que pertenciam. Assim, o fracasso ou o sucesso do aluno dependiam dele mesmo, de suas tendências inatas. Todos teriam acesso às mesmas condições educacionais, e só não obteriam sucesso quem não respeitasse às suas inclinações.

Percebe-se, então, que o discurso do professor Joaquim Rios vinha de encontro à necessidade de se organizar a cidade de Uberlândia dentro da urbanidade e da civilidade. Já que a sociedade evoluiria naturalmente, a cidade deveria acompanhar essa evolução, conformando-se às novas condições sociais, com o crescente processo de urbanização ocorrido no país. E para haver esse ajustamento foi utilizado, como instrumento, a educação. A imprensa contribuiu para a propagação desse discurso educacional, que vinha de encontro aos anseios dos setores dominantes locais.

Nos jornais da Uberlândia dos anos 40, há um forte apelo à criação de escolas, porque seria por meio da instrução que a cidade atingiria o mais alto patamar de civilidade. As prefeituras da região recebiam grandes e entusiásticos elogios, se aprovassem a criação de um grupo escolar, fosse na zona urbana ou na zona rural. Além das reivindicações relativas à criação de escolas, também havia a defesa de uma

⁶ Marilena CHAUÍ. O discurso competente. In: Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas. 2ª ed. São Paulo: Moderna. 1981. p.12.

determinada ação educativa. Esta educação deveria propiciar o ajustamento social do indivíduo. Para tanto, retira-se a ação do sujeito, ao considerá-lo como sendo um conjunto de tendências e aptidões inatas, que deveria ser orientado para o convívio social harmonioso.

Nesse sentido, os meios de comunicação se constituíam em importantes difusores dessas idéias, por alcançar um número significativo de pessoas. Era preciso, então, formar uma opinião pública favorável a essa concepção social. Os artigos de Joaquim Rios contribuíram para que houvesse a propagação dessas idéias, ao apresentar, numa linguagem acessível ao público leitor, esse paradigma educacional, considerado por ele, mais adequado para o momento. O discurso de Rios refletia o pensamento das elites uberlandenses, que visavam adequar, através da educação, a população local à nova realidade social. Para tanto, deveria anular a diferença entre o pensar, o dizer e o ser, ocultando ou dissimulando o real, omitindo os interesse conflitantes e desconsiderando as relações culturais, sociais e políticas presentes no ato de educar.